

**MEMORIAL**  
**DESENVOLVIMENTO DO LONGA-METRAGEM “*MEU*  
*PAI À PARMEGIANA*”**

Trabalho de conclusão de curso

Helvécio Ferreira Furtado Jr

17103231

Orientador: Alfredo Manevy

Cinema

Universidade Federal de Santa Catarina

## ***Agradecimentos***

Agradeço primeiramente à minha família. Quando a corda aperta, é sempre a família que se apresenta para o resgate. Dedico esta vitória ao meu pai, Helvécio Ferreira Furtado, que a pandemia levou e que sonhava em me ver formado. O presente trabalho de conclusão de curso é dedicado a essa vida que perdeu-se, e em parte, por negligência institucional. O argumento do filme, longe de desrespeitar sua memória, constrói narrativa absurda e que usa do humor sarcástico para lidar com a avassaladora realidade de um luto. Meu pai era um homem necessário. Ele tinha 56 anos e morreu no dia em que as vacinas para a sua faixa etária chegaram na cidade. Os três meses de negociação do governo com os laboratórios farmacêuticos significaram o fim de muitas vidas como a desta pessoa que eu tanto amei, e eu não poderia deixar de contar essa história, não se quisesse dormir à noite. *Meu Pai à Parmegiana* é, nesse sentido, uma tentativa desesperançosa de fazer com que os negligentes no comando engulam essa morte indigesta.

Não posso esquecer dos sobreviventes que persistiram e persistem a despeito do luto, da dor e da revolta. Agradeço à minha mãe e irmã, Selma e Nairana Goulart Furtado, por estarem comigo passando por este cenário trágico. Minha amada esposa, Ana Carolina Fernandes Furtado, que me acompanha todos os dias e sabe das dificuldades quotidianas, as pequenas batalhas que nunca são registradas e que geralmente decidem o destino de quem luta. À minha filha, Luna Vasconcelos Ferreira, agradeço por ser o meu farol de esperança apontando para o futuro. Tudo o que eu faço é pensando em você.

Agradeço imensamente aos professores que me iluminaram neste processo de autoconhecimento e aprimoramento individual chamado graduação. Nos percalços e progressos, sempre pude contar com o corpo docente do curso de cinema da UFSC para orientação e construção conjunta de saberes. Agradeço meu orientador Alfredo Manevy pelos valiosos ensinamentos, feedbacks e insights. Ao professor **Josias Ricardo Hack** por sua participação direta no meu desenvolvimento e individuação. À professora Aglair Bernardo pelas divertidíssimas e interessantíssimas aulas e conversas. Aos professores Márcio Markendorf e Virgínia Jorge pela orientação nos programas de iniciação científica e extensão que participei, que possibilitaram minha permanência na faculdade. Seria impossível falar de permanência sem agradecer imensamente à PRAE - pró-reitoria de assuntos estudantis, pela alimentação, moradia e garantia de subsistência fornecida ao longo dos cinco anos de curso, sem as quais nenhum sonho teria se realizado.

Finalmente, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade de formação gratuita e de qualidade. O ensino público superior brasileiro é um dos mais preciosos tesouros do país, e deve ser preservado e tratado com a relevância adequada.

## **Índice**

Agradecimentos_____	02
Introdução_____	03
Objetivos_____	05
Processo Criativo_____	06
Resultados_____	08
Anexos_____	09

## **Introdução**

Este memorial é um registro sobre o processo de aprendizado e os resultados obtidos no desenvolvimento de uma proposta de viabilização comercial do meu argumento de longa-metragem de nome “Meu Pai a Parmegiana”. Os tópicos elaborados dão conta dos principais acontecimentos envolvendo o processo criativo da obra, enquanto os anexos permitem a observação do material técnico construído até aqui. O argumento, desenvolvido à partir de um conto de minha autoria chamado “*Quando o presidente comeu minha mãe*”, foi inscrito em festivais universitários, editais, concursos culturais no Brasil e no exterior, tudo em busca do desenvolvimento técnico e quiçá, da viabilização da obra dentro do período onde ela seria mais relevante, ou seja, do período pandêmico.

Este TCC agrupa em seus anexos, as etapas deste trabalho de desenvolvimento. Traz o conto *O dia em que o presidente comeu minha mãe*, seguido do argumento, o projeto completo, e a apresentação comercial do filme, conforme desenvolvida para apresentação nos pitches e outras oportunidades. Os anexos estão em ordem cronológica, e sua apreciação na ordem em que se encontram possibilita um vislumbre no processo de desenvolvimento da proposta, uma vez que todos os documentos abordam a mesma narrativa, mas cada um adaptado à necessidade que se apresentou no caminho.

Este processo de desenvolvimento consistiu o cerne do trabalho técnico desenvolvido neste tcc. Refiro-me especificamente ao trabalho de adaptação do conto para o argumento, do

argumento para o projeto e do projeto para a proposta comercial. O trabalho de revisão e reescrita foi uma das principais demandas exigidas para o desenvolvimento de uma narrativa que pudesse atingir o espectador em diversos formatos, e também tornar-se comercialmente atraente para parceiros e investidores. É interessante perceber que este trabalho contribuiu ativamente para a melhora da qualidade de todos os textos, uma vez que exige a constante revisitação. Também percebe-se que, quanto mais amadurecidos os materiais componentes da proposta no momento de um pitch, melhor a aceitação dos pareceristas e avaliadores.

“Meu Pai à Parmegiana” é uma narrativa que usa do absurdo para falar da dor do luto coletivo que estamos vivendo. É a história de um cozinheiro alcoólatra, que perde o pai durante um evento pandêmico catastrófico. Sem dinheiro ou apoio institucional para realizar os ritos fúnebres, decide bolar um plano para servir a carne do cadáver para o presidente da república. A narrativa é uma alegoria sobre a revolta cega e impotente resultante do luto, e as relações de descaso público que a geram, entre as populações afetadas por uma doença perigosa, e um corpo governante que não tem o bem-estar de sua população como um dos seus interesses.

A construção de uma obra cinematográfica de longa-metragem é um empreendimento nobre, se por nada mais, pela complexidade das demandas exigidas, e pela perseverança necessária para trilhar um caminho que já é longo desde antes do início das captações. Talvez por ser um trabalho tão complexo, a realização de um longa-metragem encontra lugar de destaque entre os principais sonhos dos graduandos de cinema. Conseguir executar um longa-metragem de impacto exige bastante tempo, recursos, networking e, para o diretor estreante, até um pouco de sorte. Porém, o principal ingrediente de um longa-metragem, e de qualquer empreendimento a longo prazo, é o trabalho. Durante os últimos dois anos, afetados como foram pela pandemia do Covid-19 e suas variantes, tenho trabalhado no desenvolvimento dessa história, primeiro como conto, depois no argumento cinematográfico que encontrou, dentro das suas limitações inerentes, bastante aceitação e abertura, ao menos nos circuitos que se propõem a ser portas de entrada para o cineasta de primeira viagem.

Um conceito interessante e que regeu a experiência foi o de sincronidade; a relação entre eventos que se dá por significação e não por causalidade. Diversas noções e vivências recebidas durante o curso mostraram-se incrivelmente valiosas na construção deste projeto. A própria ideia de passar pelo processo para conhecê-lo, que me deu fôlego para investir as horas de trabalho necessárias, recebi-a logo cedo no curso, durante a disciplina de Direção de Produção, ministrada por Alfredo Manevy, na qual tive a oportunidade de me inscrever pela primeira vez num edital. A experiência adquirida neste processo significou êxitos

futuros que prepararam significativamente o solo para a frutificação deste projeto, e de diversos outros em outros segmentos culturais.

Outra ocasião na qual Manevy esteve presente foi durante meu período como bolsista do projeto *Cinema UFSC em Festivais*, que me conferiu conhecimento sobre os festivais de cinema, feiras de negócios, e mostras/competições universitárias. As inscrições e mapeamentos de oportunidades que realizei como bolsista me auxiliaram na busca por espaços onde falar de meu filme. As experiências obtidas como bolsista formaram um dos pilares técnicos sobre os quais esse projeto foi construído.

Também houve a inestimável contribuição do professor Márcio Markendorf, que ministrou disciplinas de escrita criativa, gêneros cinematográficos e também foi meu orientador no PIBIC - programa de iniciação à docência. Trabalhamos a temática da peste nos anos de 2018 e 2019, bem antes da pandemia que tanto nos lesaria. Ter abordado a perspectiva teórica e literária das doenças, catástrofes e da solidão humana durante este período forjou conceitos valiosíssimos na formulação do argumento de *Meu Pai à Parmegiana*. Existe uma proximidade entre o protagonista da minha narrativa, Nonato, e Robert Neville, protagonista da obra *Eu Sou A Lenda*, de Richard Matheson, que foi a principal obra estudada durante meu período como bolsista. Ambos são protagonistas bêbados de álcool e solidão num mundo povoado por cadáveres, memórias e sanguessugas.

Estes são exemplos de uma cadeia de acontecimentos que remetem também ao meu momento anterior, quando cursei letras na UFPel, e não obtive êxito na formação. Apesar de não sair do Rio Grande do Sul com o canudo, trouxe comigo conhecimentos inestimáveis e que me deram suporte para encarar os desafios que o curso de cinema da UFSC apresentou durante os cinco anos da graduação. Agradeço especialmente à professora Daniele Gallindo pela paciência e amor pelo ensino, que me trouxeram muitas lições de escrita, e também de humildade. Mais do que qualquer outra coisa, a Universidade Federal de Pelotas incutiu em mim a importantíssima noção da preciosidade inerente à uma oportunidade de estudo superior, público e de qualidade, principalmente para pessoas que como eu, advém de um histórico de baixa renda, do qual só é possível escapar através de muito estudo e esforço. Tendo formado este valor, ingressei na UFSC sem medo de agarrar cada oportunidade que se apresentou, e esta postura tem rendido frutos tanto dentro quanto fora do meio acadêmico, sendo a concepção deste argumento de longa metragem, um dos que eu mais me orgulho.

### **Objetivos**

O principal objetivo de qualquer empreendimento acadêmico deve ser, antes de mais nada, o aprendizado. Ao decidir trilhar o caminho do desenvolvimento de um longa-metragem

para o meu trabalho de conclusão de curso, decidi que o objetivo principal deveria ser, ao invés da realização do filme a qualquer custo, uma imersão nos processos de viabilização cinematográfica disponíveis para cineastas estreantes. Fiz dessa maneira por dois motivos: primeiro para resguardar minha liberdade criativa, que não poderia ser limitada pelas restrições técnicas e orçamentárias que a realidade atual inevitavelmente me imporia, e segundo pois o desconhecimento das vias que levariam o universitário do curso de cinema aos primeiros sucessos profissionais sempre foi um problema percebido por mim, e frequentemente manifestado por outros graduandos e formandos do meu tempo. Sendo assim, quando decidi empreender a jornada para realização deste longa metragem, fiz do caminho o próprio destino. Este registro traz os principais êxitos e lições extraídas deste processo, com a meta de auxiliar na jornada dos próximos cineastas em início de carreira em busca da realização de seu primeiro longa.

Da perspectiva criativa, o argumento se constrói objetivando dar vazão e voz aos sentimentos de revolta e pesar que alcançam a todos aqueles afetados pela pandemia. Alegoricamente, a história é uma tentativa de levar até o “sistema” a retribuição pelo descaso que agravou o quadro pandêmico no país. A energia criativa do argumento nasce na dinâmica entre as mazelas coletivas impostas por um governo indiferente, e os impulsos de um sobrevivente que passa a enxergar a incompetência institucional como um ataque direto ao qual ele deve sobreviver e retribuir.

O argumento também objetiva capturar a essência social deste período pandêmico, cristalizando situações, vivências e sentimentos que fervilham no meio social durante o período de isolamento. Não foram poucas as situações de absurdo experimentadas pelo povo brasileiro nos últimos dois anos, de forma que criativamente falando, a própria realidade alimentou essa história de horror e absurdo.

### ***Processo Criativo***

No final de 2019 e início de 2020, tinha acabado de realizar campanha bem-sucedida de financiamento coletivo para a publicação de meu primeiro livro, *O Ouvido do Bode Preto*, que continha um punhado de histórias cunhadas no terror social e no absurdo, com o ímpeto de produzir material para um segundo livro, ou quem sabe, um roteiro. Os eventos iniciais da pandemia pareciam materializar muitas das bizarrices que até então existiam apenas na literatura que eu consumia; até que durante a crise dos leitos e oxigênio de Manaus, encontrei uma notícia sobre um rapaz que viu-se obrigado a preservar o cadáver da mãe num freezer doméstico por estarem lotados os leitos do IML. Essa notícia me

motivou a escrever a primeira versão do conto *O dia em que o presidente comeu minha mãe*. A história rendeu diversos feedbacks positivos, e percebi que encontrava aceitação maior pelo fato da doença que grassava também na realidade objetiva.

O processo criativo continuou conforme desenvolvia-se a pandemia. Fui expandindo e aprimorando o drama da narrativa, criando versões maiores ou menores conforme eu inscrevia o conto em concursos literários nacionais e internacionais. Este hábito de estar atento às oportunidades e aos festivais/feiras que poderiam me contemplar, adquiri-o enquanto bolsista do projeto *Cinema UFSC em Festivais*, primeiro sob orientação do professor Alfredo Manevy, e posteriormente, sob a tutela da professora Virgínia Jorge. Esta prática me manteve exercitando o conto, aprimorando-o e foi naturalmente guiando a história na direção de outros formatos, mais cinematográficos.

O primeiro ano de pandemia trouxe muitas mazelas sociais, mas também trouxe vitórias particulares. A experiência com editais advinda das aulas de Direção de Produção me renderam a seleção para um estágio na Sintonize Produtora Cultural, no departamento de elaboração de projetos. A Lei Aldir Blanc, cunhada para resgatar o setor cultural da crise econômica desencadeada pelas paralisações das atividades presenciais, me trouxe a oportunidade de trabalhar na minha cidade natal e dentro do segmento audiovisual, significando o meu primeiro sucesso profissional. Embora não tenha relação causal com o conto e argumento deste TCC, a aprovação dos projetos e gravação dos documentários na cidade de Patos de Minas possui relação de sincronicidade com todo o resto por um motivo mais pessoal.

Desde o início da adolescência, minha relação com meu pai havia se deteriorado até um estado próximo à indiferença. A escolha do meu curso superior (que ao ver do meu pai, não “dava futuro”), e mais ainda o abandono do curso de letras pouco antes de sua finalização, ampliou ainda mais a distância entre nós. O amadurecimento exigido pelas lições da graduação, e o terapêutico apoio psicológico gentilmente prestado pelo professor Josias Hack me colocaram no caminho da reconciliação, o êxito profissional e técnico dos documentários provocaram uma resposta muito positiva no meu pai, que foi convencido de que eu tinha possibilidades concretas de atuar profissionalmente na minha área de formação.

Por isso, começamos o ano de 2021 com uma admiração mútua muito grande, que acentuou-se por ocasião do meu casamento, em Janeiro. Gastei os primeiros meses do ano ajudando-o a cuidar de sua pequena propriedade rural, aprovando projetos em leis de incentivo e inscrevendo os documentários em festivais, com retorno satisfatório. A pandemia parecia estar apenas trazendo benefícios para mim, à despeito do sofrimento coletivo. Por isso, não tive tempo e nem *mindset* para pensar em um assunto tão tenso quanto a morte de um ente querido em uma pandemia. Sobretudo não queria pensar na

possibilidade, e além disso já havia entretido mentalmente a ideia de perder o pai ou a mãe, afinal eu havia escrito um conto sobre o assunto. A hipótese era assustadora o suficiente para me fazer fugir dela, e foi isso que eu fiz.

Porém a realidade nos alcança e não se importa com a fuga. Em Abril, meu pai testou positivo para o coronavírus. A doença progrediu sobre ele como se fosse uma criança, e não o forte homem do campo que era. No dia 16 de maio ele veio a óbito, concretizando um dos meus medos mais profundos. Só então, senti realmente o impacto da pandemia. Enquanto eu chorava e viajava para MG, vi na internet que as vacinas para a idade de 56 anos haviam chegado ao município naquele mesmo dia, com três meses de atraso da data prevista.

Rapidamente, o pranto foi substituído pela revolta, e a revolta, pelo ímpeto de fazer algo sobre a injustiça avassaladora cometida contra minha família e contra tantas outras, que agora pareciam saltar aos olhos em todos os lugares. Revisitei o conto, reformulei o acontecimento trágico gerador da história e reconstruí o texto no formato de argumento, preparando a primeira versão do projeto para submissão em editais. Essa versão já constava com o nome *Meu Pai à Parmegiana*, um título menos direto e de menor vulgaridade que o anterior. Submeti variações deste texto várias vezes, tentando agarrar todas as oportunidades que surgiram no período. Inscrevi-o no edital *Desperta Cultura*, promovido pela Secult/MG, e também na segunda etapa da Lei Aldir Blanc nos estados de Santa Catarina e Minas Gerais. Paralelo aos trabalhos com o argumento, comecei também a trabalhar na divulgação do conto. A aprovação do conto para publicação em livro editado pela Universidade de Salamanca, e o feedback recebido de professores e pareceristas foram auxiliando na formatação do projeto, que está vivo e se aprimorando desde então. Para o futuro continuarei aprimorando o projeto e desenvolvendo-o para a viabilização, sempre lembrando que o mais relevante no processo são os aprendizados que ficam, inevitavelmente ampliando o impacto de cada esforço realizado.

### **Resultados**

O principal resultado alcançado com os trabalhos de construção criativa e de busca por apoio é a satisfação pessoal. A imobilidade diante de uma perda tão grande seria insuportável para mim, que graças a esta graduação tive condições de fazer algo em retribuição perante o golpe sofrido por mim e por outras quase setecentas mil famílias que perderam um ou mais membros em um cenário totalmente prevenível.

Nesse sentido, a morte de meu pai deu nova vida e um novo nível de potência para a história que eu tinha em mãos, e a qualidade técnica deste sacrifício convertido em esforço criativo foi reconhecida. O projeto chegou às rodadas finais do 5º CinePitch APACI, sendo apreciado e comentado por profissionais bem posicionados como Eric Belhassen, do Boca

a Boca filmes, e Sebastião Braga da Feel Filmes. Também tive a oportunidade de falar sobre o filme nas *Jornadas Criativas* do evento Rio2C, edição Florianópolis. Ali, recebi feedback e valiosas dicas de profissionais mais experientes do cenário Florianopolitano, como Cíntia Bittar da Novelo Filmes, e Leonardo Minozzo, do Estúdio Cafundó.

Como resultado inerente aos processos, aumentou-se a qualidade técnica do trabalho e ele cresceu, passando a contar com logline, sinopse, apresentação comercial, e outras ferramentas de viabilização. A frequente revisitação do conto também foi aprimorando-o, sendo o resultado mais expressivo, sua aprovação como finalista do concurso *Cuenta-me um Conto*, e consequente publicação no livro *(Con)ciencia. Historias de la ciencia brasileña*, publicado pela editora da Universidade de Salamanca, na Espanha.

Além destes resultados, também existe o galardão imaterial que é a noção sobre a potência da continuidade. Todos os processos pelos quais passei nessa jornada contribuíram para a minha individualização, profissionalização, e para o aprimoramento técnico do projeto. Foram muitas respostas negativas, hiatos e contatos não respondidos, mas o aprimoramento contínuo mostrou que enquanto eu estiver trabalhando neste projeto, ele estará vivo e dará resultados. Assim como a morte, só se precisa acertar uma vez pra acontecer.

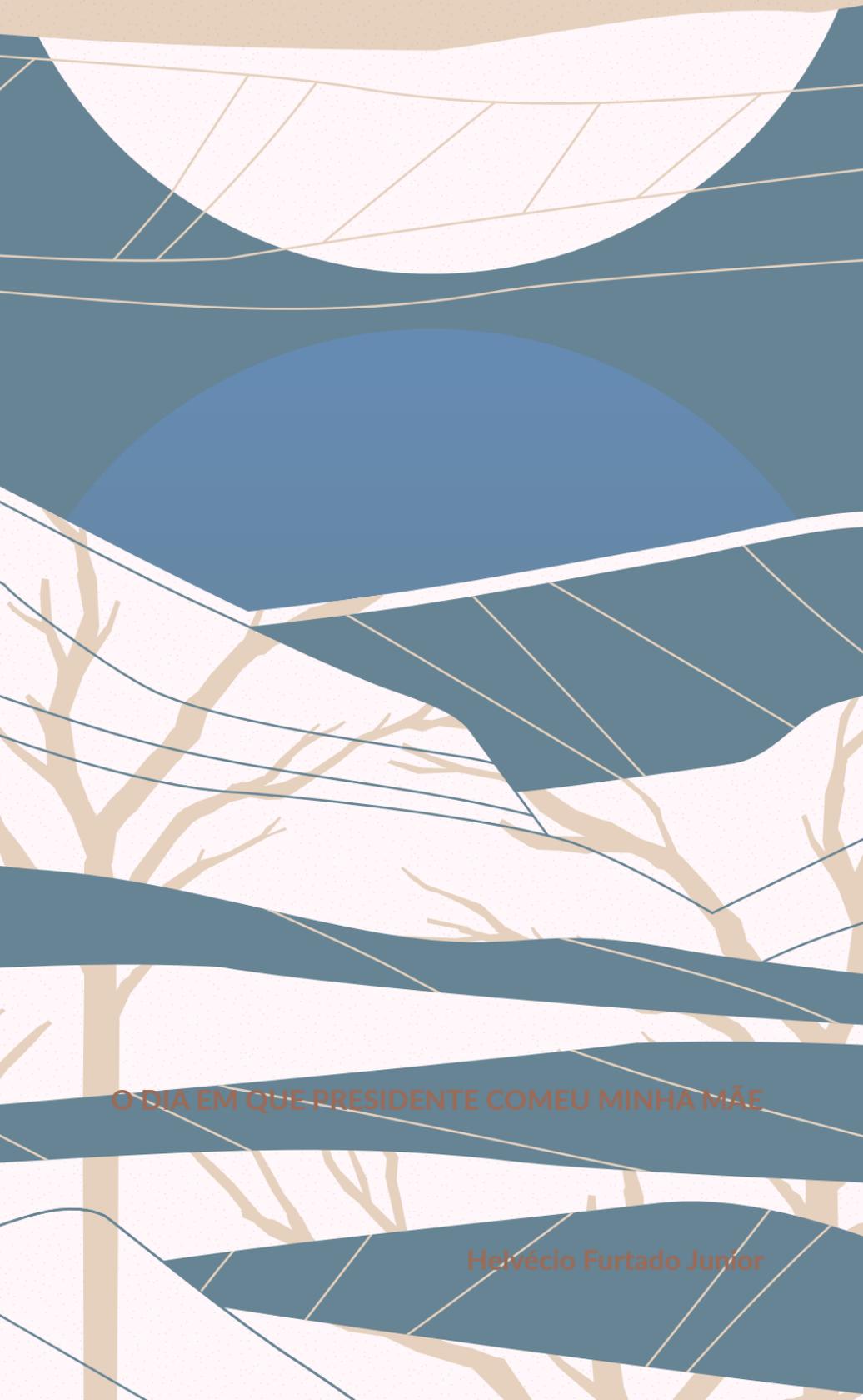
## ANEXOS

ANEXO I - O DIA EM QUE O PRESIDENTE COMEU A MINHA MÃE (CONTO)

ANEXO II - MEU PAI À PARMEGIANA - SINOPSE E ARGUMENTO

ANEXO III - MEU PAI À PARMEGIANA - PROJETO COMPLETO

ANEXO IV - MEU PAI À PARMEGIANA - APRESENTAÇÃO COMERCIAL

The background features a stylized landscape. At the top, a large white cloud with thin gold lines is set against a dark blue sky. Below it, a solid blue semi-circle represents the sun. The foreground is filled with stylized, leafless trees in shades of tan and gold, with thin gold lines representing their branches. The overall composition is layered and geometric.

O DIA EM QUE PRESIDENTE COMEU MINHA MÃE

Helvécio Furtado Junior

“O senhor me desculpe, mas o governo tem mais o que fazer do que cuidar dos seus problemas”, me disse o recepcionista. Retruquei que a minha mãe já estava aprovada para receber o auxílio emergencial, faltava só liberarem o dinheiro. “O sistema diz: benefício negado, código 17”. “Que porra é essa?”. “É quando o beneficiário consta como já falecido. Aí o valor retorna pros cofres públicos”. “A minha mãe não morreu. Tá internada com a febre bovina, mas vai se recuperar”. “Aqui consta como falecida”. Eu já ia dizendo que alguém teria me avisado, mas antes, chequei o celular. Duas chamadas perdidas. Do hospital.

Caminhei até lá. Após cinco horas dividindo oxigênio com incontáveis pestilentos, descobri que o corpo havia sido encaminhado para o Instituto Médico Legal. Sem avisar nem pedir licença? “Se o senhor tivesse atendido o telefone, estaria sabendo”, respondeu quem me atendia. Fiquei vermelho, mas antes que pudesse começar uma treta, já haviam chamado o próximo, que me jogou para escanteio com a sua urgência.

Parei embaixo da marquise do hospital, onde estranhos com variadas síndromes respiratórias iam fumar. Rasguei a máscara e a joguei no chão. Ali estava uma senhora de idade, fumando cigar-

ro barato. A máscara que cobria o rosto dela do nariz para baixo tinha uma mancha amarelada no centro. Ela tirou a máscara e tragou o cigarro. Cobriu novamente a boca para tossir. O nosso olhar se encontrou. “Você vai ficar doente com essa boca de fora”, disse soltando fumaça pela máscara. A ironia me atordoou. A revolta me reativou. Colei o meu rosto no dela e vi o olhar de pavor por ter chamado a minha atenção. “Vai, tosse. Tosse na minha boca”, pensei, disse para mim mesmo, disse a ela. Abri a boca e fiquei esperando. “Sopra pra dentro do pai, vai”, pensei, disse para mim mesmo, disse a ela. A velhota se levantou e fugiu. Peguei o cigarro que ela deixou cair e dei um trago. Olhei em volta. Já tinha gente de pé, querendo manter a ordem para cima de mim. Saí depressa, baforando o meu espólio. Mais adiante, apaguei a brasa no calo da língua. Devia me jogar da ponte ou buscar mamãe? Parti para o IML só porque estava mais perto.

Andei por uma hora e meia na noite moribunda. Mesmo no início da madrugada, o instituto estava tão lotado quanto os outros serviços de saúde. Sentei-me na cadeira plástica da recepção e comecei a balançar a perna furiosamente, sacudindo comigo toda a fileira de assentos grudados ao meu por um eixo torto. Um a um, meus vizinhos de cadeira saíram em busca de lugares mais tranquilos. Ficou uma moça na extremidade oposta à minha. Encarava-me, recriminando com o olhar a minha agitação ou talvez a ausência de máscara. O plano dela era me fazer parar com um olhar severo. Cocei o saco e a encarei de volta. Ela fez cara de nojo, se levantou e saiu. Quando passou por mim, murmurou “escroto”. “É lá que coça”, gritei. Gargalhei. Naquele momento, eu era pura revolta, que vinha ganhando mais e mais massa no espaço limitado de um coração de homem, até endurecer que nem o

núcleo da terra ou pus dentro de um folículo inflamado. Aquela inquietude era filha do marasmo. Dos meses que passei me deixando foder pelo *lockdown* meia-bomba, enlouquecendo pela impossibilidade de reagir, violentamente de preferência, às novas e arbitrárias regras. Para evitar a doença não funcionou, mas serviu para me enlouquecer.

Enquanto esperava a liberação do corpo, notei que o som do metal reagindo à minha perna inquieta formava uma cadência peculiar, produzindo um ritmo quando acompanhada pelo murmúrio dos presentes e pela tosse dos infectados. Em mais de uma ocasião, o acesso de tosse ou de choro de alguém a esperar cadáveres, como uma percussão metálica que inventei de tocar com a perna. A longa espera me convidou à prática. Fui pegando o jeito das cadeiras enquanto a noite se arrastava. Era a sinfonia da pandemia. Um cara chorava, uma mulher tossia, o idoso reclamava e a minha perna batia. Só eu ouvia a melodia. Reger a sinfonia me fez esquecer por algum tempo onde eu estava. Aí, chamaram a minha mãe pelo sobrenome errado.

O sol já tinha nascido. Por causa da confusão com a identidade, chamaram o supervisor, que me levou até mamãe com a banalidade frívola que aquela morte anônima demandava. Entregou um caixão selado e um atestado de óbito. Informou, embora eu já soubesse, que o governo não suportava mais sepultar todo mundo. Fiz que ia brigar, quis erguer a voz, exigir dignidade. “Cara, todo dia eu sei que vou acabar morrendo dessa merda, e venho trabalhar mesmo assim. Fica na tua”, me disse, fungando entre pigarros. Resignado e fodido, coloquei a velha num carrinho desses de comida, que estava dando sopa pelo corredor. Empurrei a caixa preta até a porta do instituto. Chamei um Uber. O cara sacou o lo-

cal de origem e veio prevenido. O porta-malas estava totalmente coberto com plástico esterilizado. O motorista também.

Durante o trajeto, a minha mente passeava entre o estupor e a catarse. Contei dois ou três corpos caídos na calçada, esperando a caçamba. Perto do centro, fui notando as figuras matinais que pouco a pouco iam constituindo a aglomeração quotidiana daquelas praças. Um rapaz caminhava como se fosse um ninja, todo trabalhado em acessórios de um preto estéril. Pelo Camelódromo, mulheres montavam suas barraquinhas e vendiam máscaras de oncinha, tigradas ou zebradas em rosa e preto. “É o fim do mundo”, informei ao motorista. “Que nada! Tem tanta coisa que mata mais... Daqui a pouco isso passa”, respondeu.

Cheguei na porta do prédio. Cocei a cabeça quando o Uber abriu o porta-malas. “A maioria só fode o lacre e carrega o corpo nas costas”, testemunhou. Engoli em seco. Arrastei o esquite para fora do carro. Procurei na tampa daquela merda um ponto fraco para bater. Veio passando o caçambão da vigilância sanitária, recolhendo quem morria na rua. Achei o selo de plástico fundido, meti alguns pisões até quebrá-lo. Ia puxando de dentro o saco azul contendo mamãe, quando o motorista do caminhão parou do meu lado. Indagou se eu ia deixar o cadáver ali na sarjeta. “Se eu deixar, vocês levam?”, perguntei. O servidor me disse que o certo era levar só indigente, mas que por uma ajuda de custo eles colocavam junto com os mendigos e tudo virava fumaça no crematório de campanha. Recusei e ele partiu, não sem antes me taxar de ingrato e avaro.

Joguei mamãe nas costas. O porteiro me segurou por um instante. Apontou um aparelho à minha testa, bipou e me deixou

seguir viagem. “Ninguém entra sem esterilizar”, disse com sotaque gaúcho. Senti mamãe por dentro do saco. Já começava a suar sob o peso do cadáver. Esfreguei os dedos borrifados de álcool até satisfazer o porteiro e subi quatro andares carregando quinze arrobos de carne velha. Sim, porque gente morta parece que pesa mais. Quando minha carcaça superaquecida e suarenta chegou na porta do apartamento, só queria beber alguma coisa. O pensamento foi buscar uma cerveja. No mesmo instante a voz do AA me censurou e me ofereceu um copo d’água. Depois veio o arrependimento por ter parado de beber. Para quê? O que poderia ficar pior? Consegui me ater à civilidade e foquei na água.

Tomei água escorado na geladeira e olhando para o freezer de carnes. Bateu desespero. Corri para o banheiro, molhei o rosto, me olhei no espelho e pensei em chorar. Ridícula a cara de choro do homem barbado. Porra nenhuma! Não sentia pesar nem por mamãe nem pela humanidade, somente aquela revolta misantrópica me dando certeza de que a praga era o caminho natural das coisas. Uma limpeza espiritual. Quero dizer, a humanidade até tinha ido longe, considerados os nossos maus hábitos. Realmente lamentável era o *fake* pranto, a obrigação sentimental imposta pelas vozes das mesmas pessoas que sempre cagaram para a contagem de corpos. Esse sentimentalismo atravessado e pavoneante, que obriga o outro a obedecer ao doer-se por ele, o governo aprendeu com as mães. Por isso, me recusei a fingir para mim mesmo que mamãe morta me feria. Eu já não lhe devia nada. Ajoelhei, abracei a privada velha e amiga e vomitei até me sentir limpo. Voltei para a sala, me sentei de frente para o opaco saco azul. Fitei-o por horas, até que o impacto emocional amolecasse

com o calor da tarde. Uma mosca veio e pousou no pacote. Eu ia ter que por mamãe no freezer.

Abri o congelador e me surpreendi com a quantidade de carne estocada. Tirei todas as peças, comentando o exagero com a velha morta. Depois, arranquei os suportes de alumínio. Rasguei a embalagem, retirei o corpo nu e o estoquei abraçando os próprios joelhos. Ocupou bem menos espaço do que eu imaginara. Fechei a tampa. Olhei a pilha enorme de carne em cima da mesa. Ela realmente havia se preparado para a quarentena. Deixei tudo descongelando no calor da cozinha, e fui tomar banho. A água corrente relaxou o meu corpo e percebi como estava exausto. Sai do chuveiro e apaguei na cama.

Levantei-me e voltei ao banheiro. Liguei novamente o chuveiro. Água corrente me ajuda a relaxar quando me sento na privada. Mamãe sempre ficava de butuca ouvindo, e sabia dizer pelo barulho da água se eu estava mesmo tomando banho ou sentado na privada “desperdiçando”. Tentei me distrair com o celular, mas a mente foi se inundando com uma profunda inveja dela. Finalmente havia dado o fora desse lugar opressivo, cheio de gente que faz mal sem perceber, ou que percebe e não liga, enquanto eu, se fosse bem azarado, sobreviveria para lidar com a merda social que se seguiria à peste: arrocho, fome e autoritarismo. E a sorte da velha ainda era problema meu. Como é que eu ia enterrar a minha mãe, sem governo e nem dinheiro?

Vi-me no dia em que parei de beber. O cliente reclamando do meu bafo, Rubens demandando explicação. As vozes se alterando, confusão. O tapa na cara do chefe. Sacudi a cabeça dispersando a memória. O meu dedo rolou o *feed*, descansando sozinho sobre

o contato do ex-chefe. O coração começou a martelar. Lembrei do pedido de desculpas, durante a ressocialização. Será que isso mudava alguma coisa? Liguei. Atendeu.

Trocamos cumprimentos frios. “O Bella Gulla está funcionando?”, “Não”. “E o buffet, tá fazendo eventos?”. Silêncio. “A quarentena tá fodendo todo mundo”, disse eu. “Que quarentena? Se não fosse o exército racionando tudo, eu tava funcionando”. “Ainda tem gente fazendo evento?”. Senti Rubens hesitando do outro lado. “Escuta, tu tá precisando de alguma coisa?”, foi a resposta. “Cara... minha mãe acabou de morrer. Preciso de uma bebida”.

Nem sei como isso saiu. Racionalmente, eu queria pedir um emprego, mas na hora me veio à mente as caixas e caixas de variadas e deliciosas bebidas estocadas no buffet. “Olha, sinto muito pela sua *perca*, mas tu não devias voltar pra esse mundo. Só vai piorar teus problemas”, respondeu Rubens. “O quê que tu sabes dos meus problemas?”, fui ríspido. “Tu saístes na rua esses dias? Não sou eu que tenho problema”. Desliguei, meio assustado. O que se pode dizer da sanidade de quem não consegue controlar o que sai da própria boca?

A cozinha cheirava a assassinato. Respirei fundo. Primeiro, fui encaixando as peças moles e gotejantes no congelador da geladeira. Coube uns dez quilos. O resto podia perder ou dividir o espaço com mamãe. Abri o caixão gelado. Cristaizinhos estavam se formando nos cílios dela. Aquele era mesmo um bom equipamento, reparei. *Reliable*, se estivéssemos na América. Sem muita convicção, fui cobrindo-a de cortes suínos, bovinos e aves. Quando terminei, somente o cocuruto grisalho emergia daquela pilha de carne. Era quase um monumento mortuário da idade da pedra.

Nesse caso, idade da carne. Servi-me um copo de suco que não matou minha sede, e passei o resto do dia cozinhando o que não ia dar para congelar.

Fiquei isolado no apartamento por quatro dias antes de pirar e sair à caça de bebida. Estava sumariamente decidido a abandonar a vida abstinência, porque ninguém se importava comigo ou com mamãe, e o que eu lia na internet reafirmava a certeza de que futuro não haveria. O esforço psíquico necessário para manter-me sóbrio era, então, sofrimento puro e sem propósito. Cheguei no hipermercado para gastar o que eu tinha em cachaça, mas uns milicianos me interpelaram na guarita de entrada, me deram uns sopapos por eu estar sem a máscara e me multaram. O Sargento bigode sacou uma maquininha de cartão, me obrigando a pagar na hora. Depois limpou os botões com um lenço umedecido, porque o sujo era eu.

Dolorido e derrotado, manquei a esmo procurando um bar aberto, mas não havia nenhum. Quando anoiteceu, voltei para a casa de ônibus, porque o que restava no cartão não dava para Uber. Sentei-me do lado do único passageiro, que não parava de tossir. O maluco parecia querer sumir pela janela, e tossia pedindo perdão, olhando esbugalhado para mim, escoriado, sem máscara e sem medo ao seu lado. Se depois eu me sentei em outro lugar foi porque me repugnava sua postura inferior. “Desculpa, perdão, desculpa”. “Tá pedindo desculpa por quê? Tá fazendo de propósito?”.

Em casa, percebi que a carne pronta finalmente havia acabado. Eu teria que cozinhar alguma coisa. Abri o freezer. Não fui metendo a mão e erguendo a tampa, rolou um certo medo do mistério. Era a primeira vez que eu mexia ali desde que deixara a mi-

nha mãe com as pancetas e os contrafilés. Na hora da real, percebi aliviado que não sentia nada. Mamãe também não havia mudado para além de um pouquinho de gelo grudando na cabeleira. Isso me deu paz de espírito para perscrutar as carnes e fazer um levantamento daquilo que eu herdara. “O que a Senhora comprou, mãe?”, ela não respondeu, embora eu pudesse ouvir sua voz em minha mente enquanto lia as etiquetas. “Uma picanha, três quilos de linguiça toscana, cinco de acém moído...”. Fiz uma matemática mental e imaginei que eu tinha mais carne do que eu podia consumir. Muita coisa cara também. Com o preço que os alimentos estavam chegando, talvez alguém estivesse interessado em trocar um pouco por birita. Pensei no Rubens. Ele tinha mesmo dado uma deixa sobre a falta de suprimentos, mas eu ficava vermelho só de pensar no nome. Por algum motivo, eu sempre vacilava com ele. O mano se compadecia e tinha me dado várias oportunidades. Eu estava prestes a pedir ele outra. A oportunidade de um porre a troco de carne.

“Rubens?”, fiquei surpreso só de ele atender. “Sou eu. Cê falou que tá sem estoque. Tenho umas peças de carne pra passar pra frente. Tem picanha, filé, contrafilé... E tu tá pedindo quanto? Tu tens o quê de bebida?”.

Desligou na minha cara. Demorou dois dias para pensar melhor e ligar de volta. Veio fazer o escambo no início da noite. Entreguei tudo menos a carne moída por duas caixas de Caninha da Boa, um Cavallo Branco e três fardinhos de cerveja *long neck*. Dei um goloço antes mesmo de fechar a porta. Vi no olhar do Rubens que ele se sentia mal por fazer aquilo comigo, o que fez eu me sentir melhor.

A melhor bebedeira que existe é a da recaída. É a segunda chance dos incorrigíveis, é sair da cadeia, é a primeira noite do casal que reata. A resistência está dissipada, o efeito vem no máximo e a sensação de dignidade indo para o buraco adiciona uma vertigem irresistível, que combina com a onda do álcool por excelência. Dez dias eu passei dentro de mim mesmo, descolado do corpo através da bebida, tagarelado com a minha velha sobre tudo. Depois de morta, parou de julgar meus porres e, portanto, podíamos botar o papo em dia.

Eu me sentei à mesa ao lado do freezer e abri a tampa. Iniciei os trabalhos. Ia bebendo e comentando o que via na net. Vi uma foto da nossa elite reunida para comemorar mais meia dúzia de direitos arrancados do povo por causa de banco. Os velhotes se abraçavam e cumprimentavam, alheios à doença que grassava. Posts depois, o textão de um ex-colega denunciava como a pandemia se alastrara dos ricos para os pobres e como mesmo se infectando menos, a baixa renda morria mais. “Por isso que os caras não ligam. Disso eles não morrem”. Pensei na porra da vizinha, que não parava de tossir. “Quando é que vai chegar a minha vez, hein mãe?”. Eu ainda estava forte como um cavalo. “Por que que esses caras são tão filhos da puta? Me responde só essa. Por que somos tão ruins uns com os outros, mãe? Porque é que tu me botaste nessa, sua arrombada?”. Percebi que estava de pé, gritando. “Olha a boca, rapaz!”, gritou a velha do outro lado da parede. Não consegui me decidir com qual insulto retribuir, então abri mais uma lata e tomei um longo gole. Escorei-me no freezer. “Sabe, mãe. Alguém tinha que ser nefasto, ruim, baixo com esses caras como eles são com o resto de nós. Só uma vez, pra eles saberem”.

“Te falar... Tu tá bem?”. Era o Rubens, me ligando. “Saudável? Sim”. “Tá interessado em cobrir um evento?”. Tirei o celular da orelha para me certificar de que não estava alucinando novamente. Era real. “Cê quer que eu trabalhe pra você outra vez? Por quê?”. “Vilmar não vem mais, o Amilton tá de atestado, enfim. Não tem ninguém e eu preciso de um cozinheiro. É um evento importante”. “Beleza”. “Então você vem?” “Uhum”. Saiu com um arroteo no meio. “Tu tá bêbado? Olha, o evento é domingo agora, não vai chegar de porre, hein? Vai ter governador, bispo, general, até a porra do presidente vem. Se tu chegares bêbado, vai me foder”. “Combinado”. “E faz essa barba”. Desliguei.

Era a oportunidade de uma vida! Quase acreditei que Deus existia e tinha um plano. Terminei de tomar o que já estava aberto, depois parei para pensar. “A senhora vai me ajudar, mãe”. Tomei um banho e esperei anoitecer. Na madrugada, arrombei o açougue mais próximo. Quando achei a máquina certa, liguei para o Rubens. “Escuta, como é que tu tá de carne? Tenho pra passar uns trinta quilos de carne de gado”. “Que ótimo, vamos usar nos pastéis”, ele me respondeu. “Mesmo acordo?”, “Fechado”.

Cheguei em casa, testei a máquina e tirei mamãe do freezer. Coloquei-a para descongelar no tapete da sala e fui dormir. Acordei bem-disposto e de bom humor pela primeira vez desde o início do *lockdown*. Vesti uma camisa bonita e coloquei a carne descongelada sobre a mesa. Ajustei a câmera do celular, tirei a primeira selfie. Liguei a máquina, peguei o cutelo e comecei a trabalhar. Sem máscara.

No domingo, cheguei mais cedo e fui limpar pratos perto da cozinha. Vi Odete cuidando de um panelão com a carne que eu

havia preparado. Sorri. “Capricha nesse tempero, hein querida”, eu disse. O tempo passou agradavelmente até a hora do evento, talvez porque eu estivesse ocupado. De noite, me colocaram na reposição dos tira-gostos, lugar privilegiado para servir a carne certa para aquela corja de vilões bem-vestidos. Vinha um general de verde-gala e eu dizia “Senhor, coma um pastel”. Passou o bispo e eu “Vossa Santidade, um pastelzinho”, já oferecendo a bandeja. Engraçado como nem os poderosos questionam uma ordem agradável de ser cumprida. Eu não continha o sorriso. Rubens passou por mim e perguntou se eu estava drogado. “Estou feliz de estar aqui”, respondi sinceramente.

O presidente aproximou-se da minha mesa. “Pastéis, senhor”, e lhe enfiei um pouco da mamãe na cara. O matusalém comeu um, dois, três. “Gostosos, não é mesmo?”. Ele me olhou sem responder. Continuou comendo. “Hein?” Insisti. “Fui eu que escolhi a carne. Quer ver o preparo?”, perguntei, já tirando o celular do bolso. Ainda de boca cheia, o presidente se aproximou e esticou o pescoço para olhar.

Fui passando as fotos. Conforme entendia o que estava acontecendo, a expressão da iminência ia se tornando mais e mais incrédula. Ele arregalou os olhos e cuspiu o que tinha na boca. Fez sinal de ânsia, o que provocou comoção em todos os presentes. As pessoas começaram a se aproximar. Comecei a gargalhar. Generais e damas vieram para acudir ao excelentíssimo. Quando achei que o mandachuva ia vomitar no salão, seus espasmos pararam e ele se apurou. Como um palhaço que termina o ato, ele se recompôs e sorriu. Olhando nos meus olhos, desdenhou: “Pessoal, esse rapaz serviu carne de gente pra nós!”. Arrebatou das minhas mãos o aparelho, exibiu as imagens para todos. A turba

de togas e ternos caiu na gargalhada. As minhas pernas amoleceram. “Quem é essa, rapaz? Uma vizinha? Parente sua?”. Confirmei com a cabeça, atordoado. “Tava contaminada? Senti um gosto de remédio na carne!” Nova cacofonia de risos. Pensei, “vou me mijar”. O presidente aproximou o rosto manchado e vincado. Pegou mais um pastel e devorou numa bocada. “Você acha que eu não sei o que estou fazendo, filho?”. Senti que ia desmaiar. O velho me agarrou pelos braços para me manter de pé. Olhou nos meus olhos, sorrindo largo. “Gostei de você, jovem. Vou passar o seu contato para o meu pessoal. Vai ser uma delícia ter você na nossa cozinha”.

## MEU PAI À PARMEGIANA - QUANDO O PRESIDENTE COMEU O MEU PAI

### Argumento

#### Ato 1 - Início.

As instituições de saúde e assistência social estão superlotadas por conta de uma pandemia feroz; os sistemas de saúde e abastecimento estão colapsados. O chef de cozinha Nonato (35), de máscara, espera diante de um caixa de lotérica. O funcionário informa que o benefício emergencial não está mais disponível para saque, pois o beneficiário consta como falecido. Nonato retruca dizendo que seu pai está internado sim com febre do rato, mas está vivo. O atendente vira a tela do computador, mostrando no sistema o falecimento do beneficiário. Devolve os documentos do pai a Nonato, e sugere checar se não houve um erro no hospital. Uma vez lá, Nonato confirma a morte do pai, e recebe a informação de que o corpo foi movido para o IML. Exausto e bastante nervoso, sai do hospital e na porta, rasga sua máscara. Algumas idosas magricelas estão por ali fumando e tossindo, sentadas na mureta de entrada. Uma mulher com uma abertura amarelada na máscara e um cigarro na mão faz chacota do gesto. Eles discutem. A velha se assusta; deixa cair o cigarro e se afasta tossindo. Nonato pega o cigarro dela e sai fumando. Populares olham com nojo. Uma vez no IML, ele é levado por um funcionário insensível até um depósito, onde recebe um esquife de plástico preto em cima de uma maca. Nonato argumenta que não terá recursos pra providenciar enterro, e pergunta se eles não podem enterrar. O funcionário pede uma assinatura, e assim que recebe, diz que o corpo não é mais problema do governo. Nonato vai empurrando a maca com o caixão plástico até a saída. Chama um uber. O motorista já vem com o carro revestido de plástico esterilizado, e vestindo um traje de proteção bioquímica completo. Comenta que o IML tá bombando no aplicativo. Nonato, sem máscara, põe o caixão do pai no porta-mala.

A corrida acaba na porta do condomínio. Sem saber como subir o prédio popular carregando um caixão largo e pesado, Nonato é aconselhado pelo motorista para que quebre o lacre e suba somente com o corpo. Nonato vê restos de outro esquife encostado na lixeira do condomínio, e decide seguir o conselho. Quebra o lacre, retira o cadáver envolto num saco azul opaco, e joga nas costas.

#### Ato 2 - Meio

Encharcado de suor após subir as escadas carregando o cadáver, Nonato joga o saco no sofá. O vizinho está ouvindo bem alto uma música sertaneja sobre beber cerveja. Nonato contempla o saco azul, lambe o suor dos lábios, e vai até a geladeira. Procura entre os itens, e serve-se de água. Em voz alta, pergunta ao pai o que é que eles vão fazer agora. Lava o rosto na pia e ameaça chorar. Para instantes depois. Observa o próprio reflexo no microondas, e censura-se em voz alta por fingir a si mesmo que se importa, e que o pai não está melhor que ele. Volta para a sala e acusa o pai de ter pegado uma saída fácil, escapado na hora oportuna, deixando tantos problemas pra resolver. Desvairado, rasga o saco para olhar o falecido, mas surpreende-se ao encontrar um cadáver desconhecido. Liga no IML, e é informado de que o instituto vai resolver em até quinze dias úteis. Aconselham-no também a entupir os orifícios do cadáver, de modo a preservá-lo, pois o cheiro insuportável de podridão nunca mais sai do apartamento se o defunto vazar. Na cozinha, há um freezer que o pai de Nonato usa para guardar carnes. Está cheio até o topo com peças de variados tipos. Nonato faz chacota do pai pela compra excessiva. Vai tirando os pacotes, peças e bandejas e colocando no congelador da geladeira. Quando enche, vai empilhando na mesa. Após esvaziar o freezer, Nonato coloca o cadáver desconhecido

sentado lá dentro, e joga o que cabe de carne nos espaços entre o defunto e o aparelho. Fecha a tampa e senta em cima. Olha o resto das carnes em cima da mesa, começando a gotejar. Simula um vômito e dá o dedo do meio.

Vai até o vizinho, que está ouvindo uma sofrência sobre beber para esquecer os problemas. Nonato conta o que aconteceu com o pai, e pergunta se o vizinho não se interessa em comprar um pouco de carne, pra ajudar nos custos de transporte que envolveriam desfazer a cagada. O vizinho atesta que era bastante próximo do pai de Nonato, diz que não tem dinheiro e lamenta. Pelo viés da porta, Nonato vê algumas garrafas de uísque numa pequena prateleira. Pergunta se a bebida está para jogo. Entrega carnes e pega garrafas. De posse do uísque, senta na cozinha e começa a beber. Olhando para o copo, lembra-se do dia de sua demissão: o cliente reclamando de desleixo no preparo do prato, e o patrão exigindo explicações. Rememora a discussão, e o tapa dado na cara do chefe. Ainda lembrando, vê o pai convencendo-o a participar do AA. Vai até o freezer, coloca uma dose na mão congelada do cadáver. Brinda nela com a garrafa, por estar há seis meses sóbrio.

Acorda com o som da campainha. Abre a porta; é o vizinho, para lhe informar que o pai havia falecido. Nonato diz que sim, o pai faleceu no dia anterior. O vizinho discorda: o pai listou o vizinho como seu contato de emergência, e o hospital acabou de ligar, informando o falecimento. Pelo visto, havia outro paciente com febre do rato e de mesmo nome naquele hospital, e ontem um funcionário cansado fez confusão. Junto do vizinho está Bocaberta (25), que revela-se funcionário de um buffet requintado da cidade. Ele traz um engradado vinho, e pergunta se Nonato ainda está com muita carne para trocar. Nonato confirma. Enquanto aprecia o fruto da troca, Nonato liga no IML. Explica que não tem dinheiro pra ficar transitando com os corpos, e muito menos enterrar. O funcionário diz que a essa altura o problema é mais de Nonato do que dele, e se não receber de volta o corpo errado, irá fingir que não viu o erro e deixar que doem ou cremem o verdadeiro pai. Nonato diz que vai ver o que faz. Desliga, vai até a cozinha, abre o congelador lotado de carnes, tira algumas peças, encontra um pequeno e amassado pacote de hambúrguer de soja. Frita e come enquanto toma vinho e conversa com o cadáver.

Nonato vai comer diante da TV, que fala sobre corrupção na compra de insumos hospitalares e sobre a disparada no preço de remédios sem eficácia comprovada. Ele olha o celular, e nas redes sociais as pessoas proclamam o fim do mundo, compartilhando stories sobre a situação crítica nos hospitais e conflitos civis nas ruas. Nonato assiste atos violentos em múltiplas telas, entremeados por anúncios de cerveja e pornografia, os quais comenta, cada vez mais bêbado, com o defunto. O presidente aparece discursando em todas as mídias, atestando que não há com o que se preocupar. Já bem embriagado, Nonato chega à conclusão que tanto faz quem é aquele corpo, e passa a tratar o cadáver como o pai. Faz um pequeno discurso sobre valores que o sofrimento traz e que fazem tanta falta aos poderosos, que nunca passam por um revés como aquele em que ele se meteu. Conta que sente inveja do cadáver, que pode ficar esfriando a cabeça e não precisa lidar com a burocracia. Conclui de maneira escatológica, proclamando que os políticos deveriam ter de engolir toda a merda que fazem. Olha para o cadáver, com o celular na mão. Em looping, rola um vídeo do presidente dizendo “E precisa comer carne todo dia?”. “O presidente vai comer teu filé”, proclama para o cadáver. Nonato deixa o copo na mesa e sai da cozinha.

No dia seguinte, acorda e começa a pesquisar sobre a figura do presidente na internet. Debruça-se sobre o assunto e descobre a agenda oficial. Descobre sobre o lado festeiro do presidente. O quanto o político gosta de socializar é motivo de várias reportagens. Aprofundando-se no assunto, descobre que enquanto parlamentar, o atual presidente

costumava deixar espaços sigilosos na agenda, que seriam dedicados a festas na cidade em que ele compareceria. Cruza com a agenda oficial e descobre que em seis meses, o presidente irá visitar sua cidade, e há um espaço sigiloso na noite daquela visita.

Sabendo que o presidente vai estar na cidade e comparecendo a uma festa naquela data, Nonato começa a sondar quais seriam os buffets que poderiam estar realizando o evento. Ele analisa o perfil, corta o cabelo, tira fotos com camisa social, e começa a enviar currículos para os principais restaurantes. Enquanto espera a resposta, começa a ligar para contatos profissionais e sondar tentando saber qual será a realizadora do evento. Recebe duas cartas de aceite antes de descobrir o buffet certo, que está entre os que responderam negativamente. Nonato liga para lá, e descobre que estão com o quadro cheio. Ele vai até o lugar para observar os funcionários e percebe Bocaberta entre eles. Nonato aproxima-se do jovem no fim do expediente, e convence-o a ir beber no apartamento.

Quando fica bêbado, Bocaberta conta a Nonato que o bufê realizará uma festa de formatura clandestina na cidade, oferecida pela família do prefeito, com a presença de diversos figurões, inclusive o presidente. É a confirmação que Nonato precisa, e ele sugere a possibilidade de servir algo grotesco aos políticos. Bocaberta ri e concorda. Nonato então mostra o corpo dividindo o freezer com carnes, sacos de gelo e as latas de cerveja que os dois estão consumindo. Sugere o filé do cadáver. Bocaberta se assusta muito, e perde a graça. Afirma que estava brincando, jamais faria realmente uma coisa daquelas. Nonato também diz estar brincando. Conta o erro burocrático e diz que devolverá o cadáver no início da semana. O convidado se acalma um pouco, mas decide ir embora. Nonato concorda, e acompanha Bocaberta. Ao passar pela cozinha, Nonato pega a garrafa de uísque e vai esvaziando-a. Na porta, termina o conteúdo, e acerta Bocaberta na cabeça com a garrafa. Certifica-se que não há testemunhas no corredor, dá mais uma, e arrasta o corpo ainda espasmódico de volta pra dentro. Coloca no freezer, encaixado junto do outro. Tira um fardo de latas. Fecha a tampa e senta em cima. Abre uma e bebe um gole.

### Ato 3 - Fim.

Conforme ele vende, o estoque de carne vai acabando. Um cliente liga querendo uns quilos de carne para churrasco. Nonato olha para a geladeira vazia e para o ocupado por dois cadáveres, e confirma que tem a carne. Tira do armário uma faca grande, e coloca o corpo de Bocaberta em cima da mesa. Enquanto afia a faca, olha para o cadáver falso do pai. Vai vendendo partes de Bocaberta. Liga para o buffet e implora por uma oportunidade, nem que seja de freelancer. Diz que quem o indicou foi Bocaberta. Rubens, o dono do buffet, confessa que Bocaberta estava faltando do serviço havia dias, e que havia uma demanda urgente para os próximos dias. Nonato diz ser especialista em cortes nobres, podendo inclusive providenciar a carne. Rubens então cede a vaga. Antes de desligar, fecham um acordo sobre dez quilos de filé já temperado.

Nonato veste sua roupa de chef, e vai se fotografando enquanto desossa o cadáver substituto de seu pai. Amacia e tempera os bifés. Ao terminar, tira uma última foto coberto de sangue, e toma um banho e se deita. Acorda cedo, faz a barba e toma um chá. No restaurante, vê da cozinha diversos figurões de terno ou farda no salão, cheio de homens e mulheres sofisticadas e poderosas. Conforme vai preparando os pratos, imagina os convidados vomitando e se descabelando enquanto ele mostra as imagens na tela de seu celular. Ali são servidos diversos tipos de comida. Finalmente serve-se o filé. As pessoas comem, repetem, comentam. Um garçom vai servir ao presidente, e Nonato pede que ele diga ao político que o chef é um eleitor e grande admirador. O garçom vai até a autoridade, os dois conversam, e o convidado faz sinal para que Nonato se aproxime. Nonato vai até ele, imaginando-o arrancando os próprios olhos após ver o que acabou de comer. Sorrindo

de orelha a orelha, ele aperta a mão do presidente. O político diz que adorou o prato, mas percebeu que a carne não era filé bovino. Nonato assume, e se oferece para mostrar de onde havia vindo a carne. Tira o celular do bolso, e vai passando as fotos de si mesmo desossando o cadáver e preparando os bifés. Seu sorriso morre quando percebe que o presidente observa as fotos com interesse e sem asco. O político pega o celular da mão dele. Mostra as imagens para alguns companheiros. Vários comentam. Um militar diz ter sentido mesmo um retrogosto de baixa-renda. Os engratados explodem em gargalhadas. Compartilham as fotos entre os convidados, e o salão vira uma cacofonia de notificações e risadas. Somente Nonato está sério. O presidente bate palmas para o chef. Seguranças o ladeiam discretamente. O político pergunta a ele se o cadáver era de algum parente seu. Nonato faz que sim, depois que não, confuso. O presidente diz que não importa, estava uma delícia. Os seguranças agarram Nonato pelos braços. O político pede que levem-no para os porões do Planalto, pra participar do próximo jantar. Os seguranças saem carregando-o. Nonato começa a gritar. Jogam-no no fundo de um trailer de cachorro quente, puxado por um carro preto que acelera e desaparece na noite. Seu grito se perde entre os latidos.

# DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM “MEU PAI À PARMEGIANA”

## CATEGORIA - DESENVOLVIMENTO

### Storyline

Papai conseguiu morrer para a pandemia, Nonato não; por isso o chef de cozinha alcoólatra e desequilibrado vai expressar sua revolta servindo a carne do cadáver para o presidente da república.

### Sinopse:

Durante a pandemia, ao tentar sacar o auxílio governamental para seu pai que está internado, Nonato (30) descobre que o velho faleceu, deixando-o sozinho com a ingrata missão de enterrar o corpo. Sem dinheiro e nem apoio do governo para o funeral, o chef de cozinha desempregado leva o cadáver para o apartamento recém herdado, e guarda-o no freezer de carnes. Para não perder outras peças que o idoso havia estocado para se precaver do fim do mundo, Nonato começa a trocar carne por dinheiro e bebidas. Essa prática o coloca em contato com seu antigo local de trabalho e quando Nonato descobre que o presidente vai participar de uma festa atendida pelo buffet, dá um jeito de estar na cozinha, e preparar os bifes com a carne do pai, registrando o ato com seu celular. Após servi-lo à parmegiana para o presidente e seus colegas, Nonato expõe a origem da carne. O presidente então assume que sentiu o gosto de gente, agradece o chef pela saborosa refeição e manda preparar Nonato para o próximo banquete.

### Argumento

#### Ato 1 - Início.

As instituições de saúde e assistência social estão superlotadas por conta de uma pandemia feroz; os sistemas de saúde e abastecimento estão colapsados. O chef de cozinha Nonato (35), de máscara, espera diante de um caixa de lotérica. O funcionário informa que o benefício emergencial não está mais disponível para saque, pois o beneficiário consta como falecido. Nonato retruca dizendo que seu pai está internado sim com febre do rato, mas está vivo. O atendente perscruta Nonato de cima abaixo, desde seus coturnos desgastados passando pela jaqueta cheia de patches e rebites, até o moicano desbotado por cima das crescentes rugas na testa tatuada. Vira a tela do computador, mostrando no sistema o falecimento do beneficiário. Devolve os documentos do pai a Nonato, e sugere checar se não houve um erro no hospital. Uma vez lá, Nonato confirma a morte do pai, e recebe a informação de que o corpo foi movido para o IML. Exausto e bastante nervoso, sai do hospital e na porta, rasga sua máscara. Algumas idosas magricelas estão por ali fumando e tossindo, sentadas na mureta de entrada. Uma mulher com uma abertura amarelada na máscara e um cigarro na mão faz chacota do gesto. Eles discutem. A velha se assusta; deixa cair o cigarro e se afasta tossindo. Nonato pega o cigarro dela e sai fumando. Populares olham com nojo. Uma vez no IML, ele é levado por um funcionário insensível até um depósito, onde recebe um esquite de plástico preto em cima de uma maca. Nonato argumenta que não terá recursos pra providenciar enterro, e pergunta se eles não podem enterrar. O funcionário pede uma assinatura, e assim que recebe, diz que o corpo não é mais problema do governo. Nonato vai empurrando a maca com o caixão plástico até a saída. Chama um uber. O motorista já vem com o carro revestido de plástico esterilizado, e vestindo um traje de proteção bioquímica completo.

Comenta que o IML tá bombando no aplicativo. Nonato, sem máscara, põe o caixão do pai no porta-mala.

A corrida acaba na porta do condomínio. Sem saber como subir o prédio popular carregando um caixão largo e pesado, Nonato é aconselhado pelo motorista para que quebre o lacre e suba somente com o corpo. Nonato vê restos de outro esquife encostado na lixeira do condomínio, e decide seguir o conselho. Quebra o lacre, retira o cadáver envolto num saco azul opaco, e joga nas costas.

### Ato 2 - Meio

Encharcado de suor após subir as escadas carregando o cadáver, Nonato joga o saco no sofá. O vizinho está ouvindo bem alto uma música sertaneja sobre beber cerveja. Nonato contempla o saco azul, lambe o suor dos lábios, e vai até a geladeira. Procura entre os itens, e serve-se de água. Em voz alta, pergunta ao pai o que é que eles vão fazer agora. Lava o rosto na pia e ameaça chorar. Para instantes depois. Observa o próprio reflexo no microondas, e censura-se em voz alta por fingir a si mesmo que se importa, e que o pai não está melhor que ele. Volta para a sala e acusa o pai de ter pegado uma saída fácil, escapado na hora oportuna, deixando tantos problemas pra resolver. Desvairado, rasga o saco para olhar o falecido, mas surpreende-se ao encontrar um cadáver desconhecido. Liga no IML, e é informado de que o instituto vai resolver em até quinze dias úteis. Aconselham-no também a entupir os orifícios do cadáver, de modo a preservá-lo, pois o cheiro insuportável de podridão nunca mais sai do apartamento se o defunto vazar. Na cozinha, há um freezer que o pai de Nonato usa para guardar carnes. Está cheio até o topo com peças de variados tipos. Nonato faz chacota do pai pela compra excessiva. Vai tirando os pacotes, peças e bandejas e colocando no congelador da geladeira. Quando enche, vai empilhando na mesa. Após esvaziar o freezer, Nonato coloca o cadáver desconhecido sentado lá dentro, e joga o que cabe de carne nos espaços entre o defunto e o aparelho. Fecha a tampa e senta em cima. Olha o resto das carnes em cima da mesa, começando a gotejar. Simula um vômito e dá o dedo do meio.

Vai até o vizinho, que está ouvindo uma sofrência sobre beber para esquecer os problemas. Nonato conta o que aconteceu com o pai, e pergunta se o vizinho não se interessa em comprar um pouco de carne, pra ajudar nos custos de transporte que envolveriam desfazer a cagada. O vizinho atesta que era bastante próximo do pai de Nonato, diz que não tem dinheiro e lamenta. Pelo viés da porta, Nonato vê algumas garrafas de uísque numa pequena prateleira. Pergunta se a bebida está para jogo. Entrega carnes e pega garrafas. De posse do uísque, senta na cozinha e começa a beber. Olhando para o copo, lembra-se do dia de sua demissão: o cliente reclamando de desleixo no preparo do prato, e o patrão exigindo explicações. Rememora a discussão, e o tapa dado na cara do chefe. Ainda lembrando, vê o pai convencendo-o a participar do AA. Vai até o freezer, coloca uma dose na mão congelada do cadáver. Brinda nela com a garrafa, por estar há seis meses sóbrio.

Acorda com o som da campainha. Abre a porta; é o vizinho, para lhe informar que o pai havia falecido. Nonato diz que sim, o pai faleceu no dia anterior. O vizinho discorda: o pai listou o vizinho como seu contato de emergência, e o hospital acabou de ligar, informando o falecimento. Pelo visto, havia outro paciente com febre do rato e de mesmo nome naquele hospital, e ontem um funcionário cansado fez confusão. Junto do vizinho está Bocaberta (25), que revela-se funcionário de um buffet requintado da cidade. Ele traz um engradado vinho, e pergunta se Nonato ainda está com muita carne para trocar. Nonato confirma. Enquanto aprecia o fruto da troca, Nonato liga no IML. Explica que não tem dinheiro pra ficar transitando com os corpos, e muito menos enterrar. O funcionário diz que a essa altura o problema é mais de Nonato do que dele, e se não receber de volta o corpo errado, irá

fingir que não viu o erro e deixar que doem ou cremem o verdadeiro pai. Nonato diz que vai ver o que faz. Desliga, vai até a cozinha, abre o congelador lotado de carnes, tira algumas peças, encontra um pequeno e amassado pacote de hambúrguer de soja. Frita e come enquanto toma vinho e conversa com o cadáver.

Nonato vai comer diante da TV, que fala sobre corrupção na compra de insumos hospitalares e sobre a disparada no preço de remédios sem eficácia comprovada. Ele olha o celular, e nas redes sociais as pessoas proclamam o fim do mundo, compartilhando stories sobre a situação crítica nos hospitais e conflitos civis nas ruas. Nonato assiste atos violentos em múltiplas telas, entremeados por anúncios de cerveja e pornografia, os quais comenta, cada vez mais bêbado, com o defunto. O presidente aparece discursando em todas as mídias, atestando que não há com o que se preocupar. Já bem embriagado, Nonato chega à conclusão que tanto faz quem é aquele corpo, e passa a tratar o cadáver como o pai. Faz um pequeno discurso sobre valores que o sofrimento traz e que fazem tanta falta aos poderosos, que nunca passam por um revés como aquele em que ele se meteu. Conta que sente inveja do cadáver, que pode ficar esfriando a cabeça e não precisa lidar com a burocracia. Conclui de maneira escatológica, proclamando que os políticos deveriam ter de engolir toda a merda que fazem. Olha para o cadáver, com o celular na mão. Em looping, rola um vídeo do presidente dizendo “E precisa comer carne todo dia?”. “O presidente vai comer teu filé”, proclama para o cadáver. Nonato deixa o copo na mesa e sai da cozinha.

No dia seguinte, acorda e começa a pesquisar sobre a figura do presidente na internet. Debruça-se sobre o assunto e descobre a agenda oficial. Descobre sobre o lado festeiro do presidente. O quanto o político gosta de socializar é motivo de várias reportagens. Aprofundando-se no assunto, descobre que enquanto parlamentar, o atual presidente costumava deixar espaços sigilosos na agenda, que seriam dedicados a festas na cidade em que ele compareceria. Cruza com a agenda oficial e descobre que em seis meses, o presidente irá visitar sua cidade, e há um espaço sigiloso na noite daquela visita.

Sabendo que o presidente vai estar na cidade e comparecendo a uma festa naquela data, Nonato começa a sondar quais seriam os buffets que poderiam estar realizando o evento. Ele analisa o perfil, corta o cabelo, tira fotos com camisa social, e começa a enviar currículos para os principais restaurantes. Enquanto espera a resposta, começa a ligar para contatos profissionais e sondar tentando saber qual será a realizadora do evento. Recebe duas cartas de aceite antes de descobrir o buffet certo, que está entre os que responderam negativamente. Nonato liga para lá, e descobre que estão com o quadro cheio. Ele vai até o lugar para observar os funcionários e percebe Bocaberta entre eles. Nonato aproxima-se do jovem no fim do expediente, e convence-o a ir beber no apartamento.

Quando fica bêbado, Bocaberta conta a Nonato que o bufê realizará uma festa de formatura clandestina na cidade, oferecida pela família do prefeito, com a presença de diversos figurões, inclusive o presidente. É a confirmação que Nonato precisa, e ele sugere a possibilidade de servir algo grotesco aos políticos. Bocaberta ri e concorda. Nonato então mostra o corpo dividindo o freezer com carnes, sacos de gelo e as latas de cerveja que os dois estão consumindo. Sugere o filé do cadáver. Bocaberta se assusta muito, e perde a graça. Afirma que estava brincando, jamais faria realmente uma coisa daquelas. Nonato também diz estar brincando. Conta o erro burocrático e diz que devolverá o cadáver no início da semana. O convidado se acalma um pouco, mas decide ir embora. Nonato concorda, e acompanha Bocaberta. Ao passar pela cozinha, Nonato pega a garrafa de uísque e vai esvaziando-a. Na porta, termina o conteúdo, e acerta Bocaberta na cabeça com a garrafa. Certifica-se que não há testemunhas no corredor, dá mais uma, e arrasta o

corpo ainda espasmódico de volta pra dentro. Coloca no freezer, encaixado junto do outro. Tira um fardo de latas. Fecha a tampa e senta em cima. Abre uma e bebe um gole.

### Ato 3 - Fim.

Conforme ele vende, o estoque de carne vai acabando. Um cliente liga querendo uns quilos de carne para churrasco. Nonato olha para a geladeira vazia e para o ocupado por dois cadáveres, e confirma que tem a carne. Tira do armário uma faca grande, e coloca o corpo de Bocaberta em cima da mesa. Enquanto afia a faca, olha para o cadáver falso do pai. Vai vendendo partes de Bocaberta. Liga para o buffet e implora por uma oportunidade, nem que seja de freelancer. Diz que quem o indicou foi Bocaberta. Rubens, o dono do buffet, confessa que Bocaberta estava faltando do serviço havia dias, e que havia uma demanda urgente para os próximos dias. Nonato diz ser especialista em cortes nobres, podendo inclusive providenciar a carne. Rubens então cede a vaga. Antes de desligar, fecham um acordo sobre dez quilos de filé já temperado.

Nonato veste sua roupa de chef, e vai se fotografando enquanto desossa o cadáver substituto de seu pai. Amacia e tempera os bifés. Ao terminar, tira uma última foto coberto de sangue, e toma um banho e se deita. Acorda cedo, faz a barba e toma um chá. No restaurante, vê da cozinha diversos figurões de terno ou farda no salão, cheio de homens e mulheres sofisticadas e poderosas. Conforme vai preparando os pratos, imagina os convidados vomitando e se descabelando enquanto ele mostra as imagens na tela de seu celular. Ali são servidos diversos tipos de comida. Finalmente serve-se o filé. As pessoas comem, repetem, comentam. Um garçom vai servir ao presidente, e Nonato pede que ele diga ao político que o chef é um eleitor e grande admirador. O garçom vai até a autoridade, os dois conversam, e o convidado faz sinal para que Nonato se aproxime. Nonato vai até ele, imaginando-o arrancando os próprios olhos após ver o que acabou de comer. Sorrindo de orelha a orelha, ele aperta a mão do presidente. O político diz que adorou o prato, mas percebeu que a carne não era filé bovino. Nonato assume, e se oferece para mostrar de onde havia vindo a carne. Tira o celular do bolso, e vai passando as fotos de si mesmo desossando o cadáver e preparando os bifés. Seu sorriso morre quando percebe que o presidente observa as fotos com interesse e sem asco. O político pega o celular da mão dele. Mostra as imagens para alguns companheiros. Vários comentam. Um militar diz ter sentido mesmo um retrogosto de baixa-renda. Os engravatados explodem em gargalhadas. Compartilham as fotos entre os convidados, e o salão vira uma cacofonia de notificações e risadas. Somente Nonato está sério. O presidente bate palmas para o chef. Seguranças o ladeiam discretamente. O político pergunta a ele se o cadáver era de algum parente seu. Nonato faz que sim, depois que não, confuso. O presidente diz que não importa, estava uma delícia. Os seguranças agarram Nonato pelos braços. O político pede que levem-no para os porões do Planalto, pra participar do próximo jantar. Os seguranças saem carregando-o. Nonato começa a gritar. Jogam-no no fundo de um trailer de cachorro quente, puxado por um carro preto que acelera e desaparece na noite. Seu grito se perde entre os latidos.

### **Apresentação do tema**

*Meu Pai à Parmegiana* é um horror sobre o colapso de uma sociedade em face à praga conhecida como febre do rato. A narrativa discute dores contemporâneas sob uma ótica expressionista de pesadelo e opressão expressa por meio de sombras duras, ângulos fechados, e exagero das situações. Frustrado por perder o pai e não conseguir morrer da mesma doença que ele, um chef de cozinha alcoólatra e desempregado vai à loucura, e executa uma ação extrema de distorcida justiça social - servir ao presidente, a carne de um

cadáver. O roteiro, em fase de desenvolvimento, inspira-se em obras como *Taxi Driver*, *Um Dia de Fúria*, *O Homem Elefante*, e *À Meia Noite Encarnarei no Teu Cadáver*.

### **Gênero, linguagem e procedimentos narrativos**

O projeto de longa-metragem aqui exposto almeja desenvolver-se interseccionalmente entre os gêneros do horror e da comédia. Sendo o absurdo um mecanismo para a provocação do pensamento e do sentimento tanto num desses gêneros quanto no outro, os autores acreditam que o filme utilizará enfaticamente esse recurso de linguagem para reforçar suas passagens. Além disso, estes são gêneros que abarcam a maior parte dos assuntos principais debatidos pelo filme, como a falência social, a pandemia, autoritarismo e variados tipos de corrupção. *Meu Pai a Parmegiana* assume seu discurso de oposição às práticas de controle da pandemia que foram empregadas durante o período de isolamento, e planeja trazer em sua linguagem narrativa e fotográfica, exemplos de mau uso do poder público, negligências múltiplas, impessoalidade cruel e outros fatores agravadores de crises sanitárias como a que inspira a obra.

A narrativa possui uma estrutura clássica em três atos, construída em torno de uma personagem solitária confinada quase sempre ao ambiente claustrofóbico de um apartamento. Num primeiro momento o espectador será levado a se familiarizar e se identificar com a situação de pandemia, estabelecendo as regras de um universo onde a doença está fora de controle. Também será introduzido aos personagens principais, devendo vir a conhecer o papel de cada um deles naquele universo. O segundo ato nos conta sobre a insanidade que vai tomando conta de Nonato conforme o isolamento aumenta, e também fala sobre seus esforços para conseguir trocar carne por bebida. Passa pela decisão do personagem de servir a carne do cadáver para o presidente, e termina com Nonato conseguindo ser contratado pelo Buffet que irá realizar o evento. Finalmente, temos a conclusão e climax que passam pela preparação do personagem para o seu grande ato, até a execução e reviravolta final.

A história paralela se passará no bairro do personagem, no qual ele será um parcial estranho por estar residindo no apartamento do pai desde o falecimento do mesmo, no início do filme. Trará uma narrativa em abismo sobre Bocaberta, o chef de cozinha que Nonato assassinará e substituirá na festa do presidente. Bocaberta e Nonato se conhecem superficialmente, sendo que Nonato tem um sentimento meio doentio pela irmã de Nonato, e acaba passando por diversos problemas em suas tentativas de agradá-la. Durante o desenvolvimento do roteiro, a história secundária passará por intensas revisões, e pode se alterar de alguma forma.

### **Pesquisas necessárias para a realização do projeto**

Para o desenvolvimento do roteiro de *Meu Pai à Parmegiana*, será necessário um regime consistente de pesquisas cinematográficas, desde o momento da aprovação até o dos retoques finais na história. Serão estudados diversos filmes que tenham correlação com o assunto, numa tentativa de abordar de maneira mais familiar, as questões proposta para o debate no filme. Preliminarmente serão analisados os roteiros e cinematografia dos filmes *Taxi Driver*, *Um dia de fúria*, *O animal cordial*, *Estômago*, e *Cronicamente Inviável*. É importante ressaltar que outros filmes poderão ser analisados durante o processo criativo.

Além do estudo cinematográfico, o desenvolvimento do roteiro contará com período de desenvolvimento bibliográfico. Livros sobre a produção de roteiros, narrativas e diálogos estarão presentes na pesquisa; a lista preliminar de livros a serem estudados compreende *O Fabuloso planejador de livros*, *Como melhorar o seu roteiro* e *Manual do Roteiro*.

Também serão realizadas pesquisas fotográficas visando o aprimoramento estético do produto final.

### **Público-Alvo**

O público-alvo é constituído majoritariamente por jovens adultos entre 18 e 35 anos, que tenham o horror e humor como gêneros favoritos, e que considerem a ironia e o riso como mecanismos de enfrentamento. Devido à própria natureza destes gêneros, o filme pode considerar-se um filme de nicho, apelando especialmente para pessoas que já estejam familiarizadas com produções culturais sobre o grotesco e o *gore*, como admiradores de horror punk, de filmes de cadáver, entre outros produtos culturais que sejam, de certa maneira, baseados na violência e opressão.

### **Informações Adicionais**

#### **Currículo**

Helvécio Furtado Junior é graduando em cinema pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2019, dirigiu o documentário *Eppur Si Muove: 70 Anos de SBPC*. Em 2020, publicou o livro *O Ouvido do Bode Preto*, e os documentários *Patos de Minas Nas Vozes da Folia de Reis*, e *Congado: Um Reino Oculto no Brasil Profundo*, que participou de diversos festivais, alcançando o segundo lugar do júri popular no Festival Macacucine 2021, além de participar de mostras internacionais como a Marmostra, em Portugal, e o Festival Assimetria, em Santa Maria-RS.



# MEU PAI À PARMEGIANA

QUANDO O PRESIDENTE COMEU MEU PAI





PREMISSA

**“NÃO IMPORTA O QUÃO NEFASTO SEJA O INDIVÍDUO, UM GOVERNO MAL INTENCIONADO CONSEGUE E IRÁ SER BEM PIOR”**

# PERSONAGENS



**NONATO**



**O CORPO  
ERRADO**



**BOCABERTA**



**O PRESIDENTE**



**PÚBLICO ALVO**



**18-35 ANOS - SARCÁSTICOS - MEMEIROS - VICIADOS - RISO COMO MECANISMO DE ENFRENTAMENTO**



# PARA PREPARAR

- APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO
- TEMPO PARA DEDICAR À CRIAÇÃO
- PRIMEIRA OPORTUNIDADE



# RELEVÂNCIA

CONTEMPORANEIDADE: VÍCIO,  
NECROPOLÍTICA E FALÊNCIA  
INSTITUCIONAL

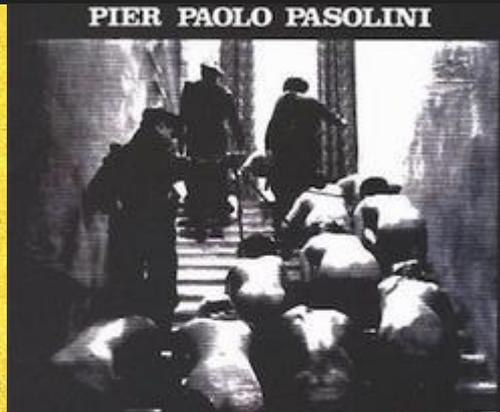
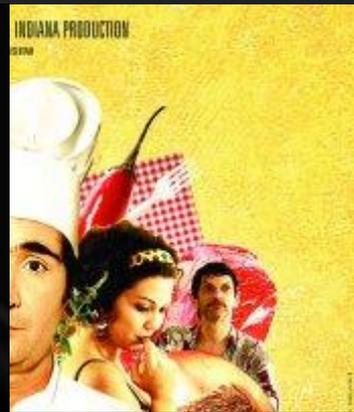
PARA O ENFRENTAMENTO  
**COLETIVO** DO LUTO E DO  
ABSURDO

EM MEMÓRIA DO MEU PAI

27/08/1966

19/05/2021





NOS CINEMAS

[HELVECIO.ELABORACAO@GMAIL.COM](mailto:HELVECIO.ELABORACAO@GMAIL.COM)  
[PEJORATIVO@RADIOGITA.COM](mailto:PEJORATIVO@RADIOGITA.COM)

48 - 996759703

"...AMENTE INVIÁVEL"  
ADVERTIR:  
ESTO É UMA FORMA  
DISTRIBUIÇÃO DE RENDA?

